

## RESILIÊNCIA, FÉ E PRÁXIS PASTORAL: A IGREJA COMO AGENTE DE FÉ RESILIENTE

Márcio Divino de Oliveira\*  
Paulo Dias Nogueira\*\*

### RESUMO

O presente artigo da área de Teologia Prática tem o objetivo de refletir sobre a importância da igreja na ação pastoral junto àqueles que sofrem, no desenvolvimento de uma fé resiliente. Nesse sentido, oferece subsídios aos/as pastores/as e as igrejas evangélicas em suas *práxis* pastorais.

Palavras-chave: sofrimento; práxis pastoral; Igreja; fé resiliente.

### ABSTRACT

The present article of the area of Practical Theology has the objective to reflect on the importance of the church in the pastoral action together those that suffer in the development from a resilient faith. In that sense, it offers subsidies to the shepherds and the evangelical churches in their pastoral *praxis*.

Key-words: suffering; pastoral praxis; church; resilient faith.

### INTRODUÇÃO

É impossível ao ser humano passar por essa vida sem experimentar tragédias, perdas e crises. Ninguém está livre de passar por estas experiências que causam tanto sofrimento e dor. Uma hora ou outra indivíduos ou grupos são submetidos a situações adversas que podem paralisá-los ou fortalecê-los na caminhada (INHAUSER, 2000).

---

\*O autor é pastor metodista, professor convidado da Faculdade da Igreja Ministério Fama (FAIFA) no Programa de Integralização de Créditos em Teologia e docente do Instituto de Educação Metodista Bispo Scilla Franco; é graduado em Teologia e Filosofia, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) com concentração na área de *Práxis* Religiosa e Sociedade, e integrante do grupo de pesquisa em Teologia Prática no Contexto Brasileiro (GETEP/UMESP). E-mail: marciodivino@yahoo.com.br.

\*\* O autor é pastor metodista, professor do Instituto de Educação Metodista Bispo Scilla Franco, graduado em Teologia e História, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) com concentração na área de *Práxis* Religiosa e Sociedade, e integrante do grupo de pesquisa em Teologia Prática no Contexto Brasileiro (GETEP/UMESP). E-mail: pdn@terra.com.br.

Neste sentido, o cotidiano pastoral e das igrejas evangélicas é tocado com frequência pelo sofrimento de pessoas que nos procuram em meio a suas dores e angústias, diante do enfretamento de alguma enfermidade, perda de um ente querido, dramas familiares, tragédias, entre outras realidades que causam sofrimento existencial e, porque não indicar, também sofrimento espiritual.

Sendo assim, este artigo objetiva apresentar a fé cristã e a ação pastoral da igreja como elementos importantes na formação de indivíduos e comunidades resilientes, isto é, pessoas capazes de extrair do íntimo de seu ser uma reserva extra de forças para superar dificuldades (HOCH, 2007, p. 72).

O artigo está estruturado em três tópicos. No primeiro, são apresentadas discussões sobre a vida humana e o sofrimento. No segundo, apresentadas questões conceituais sobre o termo resiliência e suas implicações para a vida das pessoas que sofrem. Por fim, no terceiro tópico são indicadas algumas pistas pastorais para a promoção da resiliência dentro e fora da igreja.

## **1 A VIDA HUMANA E O SOFRIMENTO**

A vida humana é um mistério, tanto do ponto de vista teológico quanto do ponto de vista existencial. Quem não se emociona com o nascimento de uma criança, se encanta com o sorriso de uma pessoa recém saída do hospital, não se fascina pela generosidade de uma pessoa com a outra necessitada.

Todavia, apesar do mistério, fascínio e beleza da vida humana, ela, com todos os seus predicados, não está isenta de enfrentar durezas, realidades conflituosas à sua existência ou situações que causam dor e revelam sofrimento, como indica Fernando; Rezende, em seu poema:

Quem passou a vida em brancas nuvens  
E em plácido repouso adormeceu,  
Quem não sentiu o frio da desgraça,  
Quem passou pela vida e não sofreu  
Foi espectro de homem, não foi homem,  
Só passou pela vida, não viveu.

(FRANCISCO OCTAVIANO *apud* FERNANDO; REZENDE, 2002)

Esse poema toca de forma profunda o tema do sofrimento. A poesia possui singularmente a capacidade plástica de traduzir com sutileza e beleza situações que tocam a vida humana, mesmo que tal realidade seja dura, como é o caso do sofrimento. Por isso, muitas pessoas recorrem a ela para falar de seus sentimentos e dores.

No poema de Francisco Otaviano também é possível observar uma primeira verdade sobre o sofrimento, a saber, o fato dessa realidade ser indissociável da vida humana, uma companhia indesejada, mas certa, que pode atingi-la em algum estágio de sua existência, sem pedir licença.

Refletindo sobre o sofrimento que se manifesta ao longo da vida humana, observa-se que existem pessoas que são tocadas por ele muito antes de nascerem: complicações na gestação, conflitos familiares, perda de um dos pais, entre outras realidades, como indica Oliveira:

O sofrimento pode começar ainda no útero materno, tanto por razões orgânicas, fisiológicas, quanto por motivos psicológicos, que alteram a 'química' materna, [os quais] são repassados ao feto e continuam ao longo da vida. O próprio nascimento pressupõe sofrimento, e a primeira inspirada de ar no pequenino pulmão causa dor. Assim se desenrola a vida: aprendemos a andar em meio a dor de tombos, e o próprio crescimento pode doer, como alertam os ortopedistas. (OLIVEIRA, 2006, p. 145-146)

A citação acima chama a atenção para o fato de que os sofrimentos podem acompanhar as pessoas por toda a sua biografia. Afinal de contas, no decorrer da existência humana é possível enfrentar variadas situações causadoras de sofrimento, com implicações singulares à vida das pessoas. Entre elas estão: abandono, enfermidade grave, acidente de trânsito, mal resultado em um exame acadêmico ou entrevista profissional, perda de pessoas queridas, término de relacionamentos, divórcios, etc.

Sobre a gênese do sofrimento, temos inúmeras interpretações. Varone (2001, p. 266) indica que "o sofrimento humano é o resultado normal da fragilidade física e moral da humanidade e do mundo. O sentido de tal sofrimento é, dessa forma, puramente imanente ao acontecimento e as suas causas concretas, em princípio, assinaláveis".

Além destes aspectos próprios da constituição humana, determinantes de sofrimento, a natureza aparece como outro agente impiedoso de sofrimento. Assim, o ser humano pode ser a qualquer momento vítima de catástrofes naturais: tempestades, vendavais, *tsunamis*, entre outras tragédias naturais.

O encontro da pessoa com situações que provocam sofrimento deixa seu mundo interior descortinado, sua identidade exposta, a sensação de que sua unidade básica demoliu, suas fontes de sentidos foram abaladas (vide CLINEBELL, 1998). Com isso, os mais diversos sentimentos explodem, expondo a pessoa à fragilidade, conforme salienta Paula:

O sofrimento revela também a intimidade do mundo da pessoa. Intimidade que expressa medo, culpa, pavor, segredos, solidão, impotência, angústia, vergonha. Portanto, a identidade da pessoa é exposta num dos momentos de maior expressão de fragilidade humana. (PAULA, 2008, s/n)

As considerações de Paula permitem pensar que o sofrimento traz dor não apenas ao físico das pessoas, mas também ao seu mundo psíquico, ou seja, ao universo interior do sujeito que sofre. Neste sentido, é correto afirmar que todo o ser do indivíduo, envolto em dor, sofre. Essa realidade traz grande probabilidade de geração de conflitos também à dimensão espiritual da pessoa (NOÉ, 2005; NOUWEN, 2002; WEISSHEIMER, 2009).

Segundo Nouwen (2007, p. 26), comentando sobre o sofrimento, “a grande questão não é aquilo que nos acontece, mas sim a maneira como reagimos ao que nos acontece”. As pessoas resilientes destacam-se pela qualidade de reação diante dos dramas, problemas e sofrimentos que as tocam, como veremos adiante.

## **2 RESILIÊNCIA, VIDA HUMANA E A FÉ CRISTÃ**

O termo resiliência, de onde deriva a palavra resiliente, tem origem na física dos materiais e é entendido como a propriedade elástica dos materiais de retornar à sua forma original depois de submetidos à forte pressão, conforme salienta Tavares:

Do ponto de vista físico e mecânico, resiliência é a qualidade de um material ao choque, à tensão, à pressão que lhe permite voltar, sempre que é forçado ou violentado, à sua forma ou posição inicial, por exemplo, uma barra de ferro, um elástico, uma mola, etc. (TAVARES, 2001, p. 57)

Tavares apresenta considerações esclarecedoras a respeito do tema; com isso, compreende-se que resiliência está ligada a atributos como elasticidade, flexibilidade, resistência, perseverança, autonomia, autoregulação, entre outros conceitos.

A compreensão do conceito de resiliência tem se mostrado relevante para o aprofundamento dos estudos em diferentes áreas do conhecimento sobre o sofrimento e sua superação. Em Psicologia, resiliência é entendida como a capacidade humana de resistir às adversidades, mantendo o equilíbrio emocional e o humor diante dos dramas existenciais. Portanto, refere-se à qualidade de resistência e perseverança do ser humano frente às dificuldades da vida. Rocca confirma:

Resiliar [resilier] é recuperar-se, ir para a frente depois de uma doença, um trauma ou um *estresse*. É vencer as provas e as crises da vida, isto é, resistir a elas primeiro e superá-las depois, para seguir vivendo o melhor possível. [...] Implica que o indivíduo traumatizado se sobrepõe [rebondit (se desenvolve depois de uma pausa)] e se (re)constitua. (AMANDINE THEIS *apud* ROCCA, 2007, p.10)

Hoch (2007, p. 72), sob a ótica pastoral, indica que resiliência refere-se “a capacidade humana de extrair do íntimo do seu ser uma reserva extra de forças para superar dificuldades”. E conclui: “é como se Deus tivesse colocado dentro de nós, no fundo da nossa alma, um tanque de reserva” para o enfrentamento de crises, perdas e catástrofes.

Deve-se ressaltar que o conceito de resiliência não está ligado apenas à capacidade individual das pessoas de lidarem ou desenvolverem mecanismo de superação das dificuldades, dramas e sofrimentos, mas também é estendido à capacidade de nações, grupos e/ou comunidades de prevenir, minimizar ou ultrapassar as adversidades.

A tese defendida neste artigo é que a fé cristã, como portadora de horizontes de sentido existencial e últimos, pode despertar resiliência nas pessoas que estejam passando por sofrimento, provendo-lhes esperança realista, autoconfiança, equilíbrio emocional e alegria existencial frente aos dramas que as atingem. De acordo com Evoca Hoch :

Como cristão, eu acredito que a fé ajuda a despertar essa força muitas vezes adormecida dentro de nós. A fé é capaz de alimentar

essa força. Aliás, eu creio que nós, mediante a fé em Deus, podemos nutrir, reforçar, treinar esta força como um músculo que precisamos exercitar para ficar forte. A fé em Deus é como uma força externa que fortalece essa força vital própria com a qual Deus, o criador, já nos presenteou no ato de nascermos. (HOCH, 2007, p. 73)

Rocca também apresenta considerações singulares sobre a importância da fé cristã nos processos de resiliência:

A fé, vivida com confiança em um Deus presente, e a força, que ajuda a superar o sofrimento, parecem ser uma chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência. Daí as implicações para o contexto pastoral, lugar privilegiado para acompanhar esse processo, desafiando a comunidade de fé a redimensionar com essa ótica tantos recursos pessoais e comunitários que podem ser oferecidos por meio das celebrações, dos variados serviços e atividades pastorais. (ROCCA, 2007, p. 26)

Conforme visto, Hoch e Rocca (2007) levantam questões valiosas em relação ao papel da fé no processo de desenvolvimento da resiliência individual e comunitária, com implicações significativas a *práxis* pastoral. Neste sentido, é importante que a ação pastoral da igreja esteja voltada para este fim, a promoção de uma fé resiliente<sup>1</sup>. A seguir apresentamos algumas pistas pastorais a este respeito.

### **3 PISTAS PASTORAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DA RESILIÊNCIA DENTRO E FORA DA IGREJA**

Reconhecemos ser impossível no curto espaço deste artigo definir ações pastorais macros, que promovam indivíduos e comunidades resilientes, o que nos faz apresentar apenas algumas pistas que auxiliem na construção das mesmas.

No contexto deste trabalho, o termo pastoral supera a visão limitante ligada exclusivamente à pessoa e função do pastor e/ou da pastora, para assumir um significado mais abrangente de ação da igreja, *práxis* do povo de Deus.

Conceituando o termo *práxis* pastoral, Clóvis P. Castro, afirma:

---

<sup>1</sup> A fé é um elemento valioso no desenvolvimento da resiliência. Neste sentido, por “fé resiliente” queremos indicar a importância do investimento na promoção da fé em Deus como fonte de sentido, esperança, força vital e equilíbrio existencial em nível individual e/ou comunitário para o enfrentamento, resistência e superação das adversidades da vida.

Pastoral é a ação do povo de Deus na realidade cotidiana, onde, na relação tempo e espaço, o ser humano se encontra. A preocupação básica da pastoral é a eficácia e a relevância da fé cristã. Pastoral é também responsável pela inserção do povo de Deus no espaço público. Pastoral é ação intencional, sistemática e organizada coletivamente. É fruto do esforço missionário da igreja que busca mudanças, vislumbrando novos tempos na perspectiva do Reino Messiânico de Deus. Não é, portanto, qualquer tipo de ação. Não é uma ação esvaziada de sentidos. É a ação que instaura o novo. Não é ação isolada, individual e personalizada do pastor ou da pastora, mas a ação da comunidade de fé organizada em pastorais específicas, que atua e colabora na produção de eventos de ação pública. (CASTRO,2000, p. 105)

Orlando Costas enriquece a reflexão afirmando que:

Pastoral é toda aquela ação que busca correlacionar o evangelho ou a fé cristã, com as situações concretas do viver diário, servindo de ponte para a experiência (internalização, incorporação e atualização) da fé na vida cotidiana. Sendo que a vida cotidiana assume diversas formas, a pastoral será tão complicada como a própria vida. Por isso que, ao falar de pastoral, faz-se necessário precisar a classe de ação a qual nos referimos. (COSTAS, 1975, p. 3)

Reconhecendo que a Pastoral é uma ação da igreja e não apenas do indivíduo que foi ordenado(a) pastor(a) e/ou clérigo, apontamos abaixo elementos importantes da *práxis* pastoral que possam auxiliar as pessoas no desenvolvimento da resiliência. Dividimos em duas partes: ações *intra-ecclesia* (dentro da igreja) e ações *extra-ecclesia* (fora da igreja).

### 3.1 AÇÕES INTRA-ECLESIA

#### 3.1.1 Culto/liturgia

O culto deve ser um espaço de promoção de fé madura e resiliente. Deve-se equilibrar o uso dos dois hemisférios do cérebro humano no momento da celebração. Ou seja, utilizar o lado esquerdo com seus aspectos racionais e analíticos, com o direito que é intuitivo, artístico e emocional, permitindo o desenvolvimento de uma fé equilibrada e madura.

Um culto marcado pelo uso excessivo da razão não permite que as pessoas expressem seus sentimentos mais profundos ou possam passar por experiências inexplicáveis racionalmente. Quanto ao oposto, cultos marcados por um forte teor

emocional, colocando a razão como algo periférico, pode levar pessoas a desenvolverem uma fé alienante sem consistência teológica (vide RAMOS, 2008, p. 103-134).

O culto equilibrado é um elemento fundamental da Pastoral para a promoção de pessoas resilientes, pois dentre tantas oportunidades, permite-lhes: a) expressar suas dores através de músicas ou orações; b) dividir o seu fardo através de testemunhos ou pedidos de oração; c) aprofundar-se no conhecimento da Palavra de Deus através do sermão; d) celebrar a Ceia do Senhor, como momento oportuno de declarar sua comunhão (comum+união) com os irmãos e com Cristo, o Senhor da Igreja. Não basta que se dê espaço no culto para que todas estas expressões aconteçam, pois é igualmente importante que elas sejam equilibradas, coerentes e, sobretudo, condizentes com a verdade bíblica.

### 3.1.2 Sermão

Segundo Willaime (2002, p. 43), o sermão é um discurso pronunciado no contexto do culto público com caráter institucional, comunitário e ritual. Muitos paroquianos participam apenas do culto principal da semana onde é proferido o sermão, sendo muitas vezes o único espaço docente que ele frequenta na igreja. Diante disso, pode-se afirmar que o sermão tem uma importância muito grande na formação da mentalidade dos eclesianos.

Para que o sermão seja utilizado como um instrumento formador de pessoas resilientes, deve-se levar em conta que tipo de teologia tem sido proferida no púlpito. Para que isso aconteça é necessário que a prédica seja humanizadora e leve em consideração as ambivalências intrínsecas na realidade humana. Sua mensagem principal deve ser a graça de Deus que auxilia o ser humano nos momentos mais ambíguos e difíceis de sua vida. É lembrar da Palavra do Senhor ao apóstolo Paulo: “A minha graça te basta” (2 Co 12.9).

### 3.1.3 Redes de apoio

É muito importante que a Igreja organize e fortaleça redes de apoio. Num mundo marcado pelo egoísmo, onde cada pessoa procura os seus próprios interesses, faz-se necessário uma mudança de valores. Deixar de olhar para si mesmo, para enxergar o outro, é um ministério a ser realizado pela igreja cristã. E isto só será possível, se os eclesianos verdadeiramente cumprirem o mandamento bíblico de amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmos (Mt 22:37-39).

Um dado significativo que Rocca (2007, p. 10) encontrou ao pesquisar crianças, jovens e adultos resilientes foi que todos reconheceram o apoio irrestrito de pelo menos uma pessoa significativa. Isso, porém, não quer dizer que, ao acolherem a pessoa, viessem a aceitar os seus comportamentos inadequados. A comunidade de fé pode acolher pessoas que estejam passando por momentos de crise, mesmo que elas vivam padrões de vida que sua doutrina condene, com o firme propósito de amá-las e ajudá-las na superação da dor e do sofrimento.

Precisamos hoje fazer um caminho contrário ao trilhado por algumas igrejas que excluía seus membros por terem realizado algum “delito”, sem se preocuparem com sua restauração e cura. Nas horas mais difíceis, nos momentos mais críticos, o cristão era julgado e abandonado por aqueles e aquelas que deveriam ajudá-lo a recuperar-se, do transtorno e sofrimento que o próprio erro/pecado já havia causado.

A comunidade (etimologicamente comum+unidade) de fé deve ser o lugar de acolhida, valorização e proteção do próximo, seja ele quem for. Neste sentido a igreja deve investir numa rede de proteção e cuidado mútuos.

#### 3.1.4 Tutores de resiliência

Além das ações coletivas através de redes de apoio e proteção, a igreja pode incentivar e capacitar pessoas para desenvolverem um ministério de solidariedade capaz de investir na vida do outro visando fortalecê-lo antes, durante e depois de enfrentar momentos adversos: crises, luto, enfermidades, catástrofes, etc. Estas pessoas são chamadas de tutores de resiliência.

Para Rocca (2007, p. 17) estes tutores não são uma figura paternalista, mas alguém que aceita incondicionalmente a pessoa que está numa situação dolorosa, promove nela a confiança, a segurança e a esperança de que é possível superar a dificuldade.

Os tutores podem ser comparados a uma bússola, cujo papel é auxiliar a pessoa que está em crise a decidir para onde irá. A decisão é da pessoa que está sendo acompanhada; os tutores apenas apontam o “norte”, mas a liberdade e a responsabilidade de decidir é da pessoa que está passando pela adversidade. A mesma dica dada àqueles que realizam aconselhamento cristão, pode ser dada aos tutores:

Aconselhamento não é dar conselhos, é acompanhar, fazer-se parceiros, companheiro de caminhada. Isso significa andar com a pessoa que sofre quantas ‘milhas’ a mais se fizerem necessárias. Encarar o acompanhamento com respeito e acolher a dor do outro é, sem dúvida, uma aprendizagem que traz o conselheiro de volta à sua humanidade e limitações. (OLIVEIRA, 2006, p. 146).

Os tutores, portanto, devem tomar todo cuidado para não sobrepor suas visões e desejos para a vida do outro, manipulando-o num momento de fragilidade e sofrimento. Valorizar o outro, ajudando-o a enfrentar as adversidades de maneira que possa resisti-la, é uma tarefa desafiadora para os tutores.

## 3.2 AÇÕES EXTRA-ECLESIA

### 3.2.1 Missão

Uma igreja que pretenda ser missionária não pode se esconder no mundo eclesial ignorando sua relação com a sociedade. Ela deve promover pastorais que estimulem a construção de uma nova ordem social, fundamentada nos valores do evangelho de Cristo. A missão é o envio da Igreja para proclamar a mensagem de Deus (*missio Dei*) em resposta aos desafios apresentados pela sociedade. A missão não deve ser um empreendimento denominacional/institucional, que responda apenas às necessidades internas da igreja, mas encarnada no mundo (FLORISTÁN, 2002).

Num mundo marcado por uma religiosidade hedonista, onde cada pessoa procura na religião a realização de seus prazeres pessoais, faz-se necessária uma proposta pastoral que leve em conta a responsabilidade missionária da igreja no mundo. Deste modo, reconhecer que a sociedade atual, balizada pela filosofia neoliberal, o individualismo, o egoísmo e a exclusão, tem gerado muito sofrimento e dor; é o primeiro passo para se pensar em uma ação missionária da igreja que vise promover resiliência aos que sofrem.

A igreja deve tornar pública a mensagem do Evangelho, pois ele, por si só, já ensina sobre resiliência. A proclamação da mensagem eterna pode auxiliar na construção de novos valores para a sociedade. Apresentar, principalmente, a mensagem da igreja sobre a dignidade humana, pode auxiliar na construção de uma sociedade mais consciente de seus limites e da possibilidade de resistir às adversidades da vida.

### 3.2.2 Diaconia

*Diakonia* é um termo grego que significa serviço ou ajuda de uma pessoa às outras. Floristán (2002, p.707) destaca que na Igreja primitiva, para que se repartisse o pão nas casas e promovesse socorro aos pobres, foi instituído um ministério de solidariedade, o qual pode ser considerado a raiz e o fundamento da diaconia cristã. A igreja deve se compreender como uma comunidade em serviço.

Levando-se em consideração o que foi exposto acima, a igreja pode realizar visitas e trabalhos de assistência pastoral em asilos, hospitais, casas de repouso, cidades geriátricas, lares para idosos, desabrigados por catástrofes naturais, moradores de rua, etc. Estas visitas podem e devem superar a espiritualidade vazia de um Cristianismo alienante que desumaniza as pessoas. A missão não é apenas “salvar a alma” das pessoas, mas sim, dignificá-las levando-lhes à possibilidade de uma experiência religiosa que as valorize em sua integralidade humana. Portanto, estes momentos devem ser ricos em diálogo, convivência, solidariedade, atenção e acolhimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das questões profundas que tocam e desafiam a *práxis* pastoral na contemporaneidade, e certamente permanecerá por boa parte deste século XXI, é sem sombra de dúvida a pergunta (NOUWEN, 2002): *Como falar de Deus num mundo marcado pela dor e o sofrimento?*

Essa pergunta não é nova na história e/ou para a Teologia Prática e, muito particularmente, para a Missiologia, que em todos os tempos e épocas teve que lidar com o sofrimento. Todavia, esse tema ganha contornos ímpares em nosso país e América Latina com histórico de exploração e dominação, bem como descaso dos governantes às classes populares e seus dramas.

Fora as questões históricas e sociais que tocam nosso país e continente, produtor de sofrimento, tem a questão constituinte do próprio “ser humano”, que como visto neste artigo, é um “ser” que sofre ou passível de sofrimento. Neste sentido, temos que o sofrimento é uma realidade que toca as pessoas indistintamente, sejam religiosas ou não.

O presente artigo procurou demonstrar que a igreja não pode ficar a parte do tema do sofrimento que toca seus fiéis e o mundo presente, bem como indicar a relevância e algumas pistas para o desenvolvimento de ações pastorais com vistas a responder a esse desafio contemporâneo, como sinal da presença de um Deus gracioso e encarnado no mundo, que em Jesus Cristo demonstra comunhão e solidariedade com todos aqueles que sofrem.

## REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA SAGRADA. Tradução em português por João Ferreira de Almeida, revista e atualizada. 2ª. Ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- CASTRO, Clóvis Pinto de. *Por uma fé cidadã*. São Paulo: Loyola, 2000.
- CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 1998.

COSTAS, Orlando E. *El protestantismo em América Latina hoy: Ensaio Del Camino (1972-1974)*. Costa Rica: INDEF, 1975. (Colecion Iglesia y Misión, 3).

FERNANDO, Edson; REZENDE, Jonas. *Dores que nos transformam: quando frágeis, então somo fortes*. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2002.

FLORISTAN, Casiano. *Teologia Practica: Teoria Y Práxis la Accion Pastoral*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 2002.

HOCH, Lothar Carlos. Sofrimento, resiliência e fé na Bíblia. Em: HOCH, Lothar Carlos; ROCCA, L. M. Susana (Orgs.). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007.

INHAUSER, Marcos. *Opção pela vida: o segredo da vitória sobre as perdas*. Campinas: United Press, 2000.

NOÉ, Sidnei Vilmar (Org). *Espiritualidade e saúde: da cura d'alma ao cuidado integral*. São Leopoldo: Sinodal/Est, 2005,

NOUWEN, Henri. *O sofrimento que cura*. São Paulo: Paulinas, 2002.

\_\_\_\_\_. *Transforma meu pranto em dança: cinco passos para sobreviver à dor e redescobrir a felicidade*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.

OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich. Transformação na dor: lidando com perdas e lutos em família. Em: KOHL, Manfred Waldemar; BARRO, Antonio Carlos. *Aconselhamento cristão transformador*. Londrina: Descoberta, 2006.

PAULA, Blanches. Temas que desafiam a Psicologia Pastoral. Em: *Revista Caminhando*. São Bernardo do Campo: Editeo, v.13, nº. 21, 176 p., jan/jun 2008, p. 147-154.

PEREIRA, Anabela M. S. Resiliência, personalidade, stress e estratégias de coping.; Em: TAVARES, José (Org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

RAMOS, Luiz Carlos. *Em espírito e em verdade: curso prático de liturgia*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2008.

ROCCA L, M. Susana. Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. Em: HOCH, Lothar Carlos; ROCCA, L. M. Susana (Orgs.). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007.

TAVARES, José. A resiliência na sociedade emergente. Em: TAVARES, José (Org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez Editora, 2001, p. 57.

VARONE, F. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. Aparecida: Santuário, 2001.

WILLAIME, Jean-P. *Prédica, culto protestante e mutações contemporâneas do religioso*. Em: Estudos de Religião, nº. 23, SBC: UMESP, dezembro de 2002.

WEISSHEIMER, Vera Cristina. *Eu vi as tuas lágrimas: amparo e consolo no sofrimento*. São Leopoldo: 2009.